

## Do *Anima* Bachelardiano: Filosofia Fenomenológica

Jonivan Martins de Sá\*

**Resumo:** O presente trabalho buscará revisitar a filosofia fenomenológica do francês Gaston Bachelard. Dentro desta perspectiva, aproximará as análises do autor sobre o devaneio e as imagens poéticas de uma conjuntura interpretativa hermenêutica. Intentará contribuir nas discussões acerca dos conceitos do “real” e “irreal” e sua possível existência complementar, na medida em que a vivência das imagens poéticas se daria não somente através da leitura da poesia, mas também em uma esfera prática, através da intersecção entre imaginação e vontade.

**Palavras-chave:** Bachelard; Fenomenologia; Hermenêutica; Imagem; Poética.

## About the Bachelard's *Anima*: Phenomenological Philosophy

**Abstract:** This study will revisit the phenomenological philosophy of the French Gaston Bachelard. From this perspective, it will approach the author's analysis of the reverie and poetic images of an interpretative hermeneutic environment. It will seek to contribute in discussions about the “real” and “unreal” concepts and their possible complementary existence, insofar as the experiencing of poetic images would take place not only through poetry reading, but also in a practical scenery, through the intersection of imagination and will.

**Keywords:** Bachelard; Phenomenology; Hermeneutics; Image; Poetics.

### 1.

A obra de Bachelard encontra-se dividida em duas partes complementares: a epistemológica e a fenomenológica. *Complementares* no sentido de ambas dizerem respeito a distintas perspectivas, mas que não necessariamente se contradizem. Usando os arquétipos construídos por Jung<sup>37</sup> para definir a presença de duas forças atuantes na psique humana: *animus* e *anima*, o próprio autor fazia menção de que sua produção como epistemólogo pertencia ao animus presente em sua psique, ou seja, ao lado

---

\* Mestrando do PPG em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Orientador: Prof. Dr. Luiz Rohden. E-mail: [jonivanmartins@yahoo.com.br](mailto:jonivanmartins@yahoo.com.br).

<sup>37</sup> JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p.64.

“masculino”, “diurno”, objetivo, que busca se ocupar do trabalho árduo de um racionalismo sempre latente. Ao passo que, a fenomenologia bachelardiana, se situaria em seu diametral opostos: no domínio da anima; “feminina”, “noturna” e subjetiva. Portanto, a produção de Bachelard pode ser sempre vista nessa perspectiva dual do conhecimento. Se por um lado uma certa racionalidade objetiva o fez epistemólogo, uma racionalidade de uma outra espécie o fez fenomenólogo.

A tentativa de aproximar a fenomenologia bachelardiana à hipótese da racionalidade hermenêutica, penso, se faz de forma um tanto tranquila, já que, ambas as escolas (fenomenológica e hermenêutica) parecem se entrecruzar desde suas gêneses. Esta racionalidade hermenêutica à que me refiro, entra em concordância, por exemplo, com o conceito de “espaço”, explorado por Vincenzo Vitiello em seu artigo intitulado *Racionalidade Hermenêutica e Topologia da História*<sup>38</sup>. O referido autor, recuperando as acepções freudianas quanto a forma de *interpretação* da mente humana, une de certo modo os conceitos de “interpretação” e “conjuntura” sob o signo do espaço. Não como o espaço físico euclidiano, mas como uma série de fatores simbólicos que direcionariam – não necessariamente de forma coercitiva – as interpretações de um determinado fenômeno não excluindo a *ambivalência* destas interpretações. Tal espaço seria o responsável por apontar uma margem interpretativa variacional. Dentro desta perspectiva, uma *racionalidade hermenêutica*, seria aquela que nega uma perspectiva generalista do conhecimento – como a da tradição metafísica tão criticada pela tradição hermenêutica –, dando vazão a uma perspectiva interpretativa (em sentido criativo) dos fenômenos, levando em consideração esta conjuntura simbólica, este “espaço” não coercitivo.

Nesta perspectiva, pretendo, portanto, uma breve apresentação de alguns conceitos encontrados em Bachelard que dizem respeito à sua obra fenomenológica. Em uma

---

<sup>38</sup> In VATTIMO, Gianni (org.). *Hermenêutica y Racionalidad*. Santafé de Bogotá: Editorial Norma, 1994, pp. 211–247.

primeira parte, buscarei elucidar sobre a questão da abordagem fenomenológica de Bachelard em si, no sentido de expor seu método (poética) e seu objeto (imagens). Em um segundo momento, buscarei expor uma perspectiva bachelardiana do devaneio, já que, este elemento se apresenta em todas as instâncias da obra fenomenológica do filósofo. Finalizando então, atentarei à relação entre o *real* e o *irreal* exposta em Bachelard, sempre destacando sua possível aproximação à esta racionalidade de fundo hermenêutico.

## 2.

O Bachelard fenomenólogo é, acima de qualquer coisa, um leitor de poesias. Sua abordagem fenomenológica diz respeito à análise daquilo que chamou de *imagem poética*. Suas experiências como leitor de poesias – tanto em prosa quanto em verso – as fazem construir toda uma realidade paralela à epistemológica, onde as imagens tem vida própria e se entrelaçam ao nosso mundo material. Portanto, se coloca em uma posição um tanto quanto problemática em sentido metodológico, já que, como poderia um epistemólogo, mesmo que defensor de um racionalismo aberto e criativo (hermenêutico), partir para análises puramente poéticas? Esclarece:

Um filósofo que fundou todo o seu pensamento ligando-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu, o mais precisamente possível, a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer seu saber, romper com todos os hábitos de pesquisas filosóficas, se quiser estudar os problemas colocados pela imaginação poética<sup>39</sup>.

Portanto, à esta altura de sua produção filosófica, propõe um novo início, não apenas no sentido de renovação de hábitos metodológicos, mas *também* no sentido de defender

---

<sup>39</sup> BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. pp. 339-512. p. 341.

uma perspectiva de constante renovação diante deste novo “objeto” à ser analisado. Dentro desta nova perspectiva de análise, o fator da historicidade não se daria:

Aqui, o passado da cultura não conta; o longo esforço para interligar e construir pensamentos, esforço feito em semanas e meses, é ineficaz. É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem<sup>40</sup>.

A poética de Bachelard, propõe perceber os poemas como realidades humanas<sup>41</sup>, logo não só se faz necessária a leitura adequada, mas também uma espécie de vivência constante destas imagens poéticas, no sentido de captar toda a sua imensidão poética. A adesão à imagem diz respeito, acima de tudo, ao presente, à vivência presente desta imagem que se dá através da leitura.

É preciso se ter em mente que a noção de *imagem poética* não se apresenta como um conceito em sentido ortodoxo. A imagem não seria a simples *impressão* advinda da leitura de um poema. “A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado”<sup>42</sup>. Parece muito mais o oposto de uma mera impressão que liga o leitor a seu passado, às superfícies facilmente alcançáveis de sua memória:

[...] pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma *ontologia direta*<sup>43</sup>.

Tal abordagem coloca Bachelard diante de uma situação crítica diante da psicologia

---

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> Ibid. p.492.

<sup>42</sup> Ibid. p.341.

<sup>43</sup> Ibid. Ibid.

clássica, já que, vê a criação da imagem diante da poesia como instância de constante renovação, criação<sup>44</sup>. Tal imagem diz respeito a “uma das experiências mais simples da linguagem vivida”<sup>45</sup>, logo, naturalmente, acaba por se ligar à uma abordagem fenomenológica. Portanto, não está ligada ao passado do leitor através de estruturas rigidamente dadas – como poderia sugerir um psicólogo realista –, mas sim ao presente da leitura, à vivência imediata, à assimilação constantemente renovada que surge a cada nova leitura.

Arisco pensar que o que realmente faz Bachelard é uma hermenêutica poética, na medida em que sua fenomenologia não se trata de outra coisa além de pura interpretação. Interpretação do leitor de poesias, em sentido constantemente criativo, procurando compreender a partir de uma perspectiva não objetivista a complexa formação da imagem poética que se dá instantaneamente, no exato momento da leitura.

Pareceu-nos então que essa transubjetividade da imagem não podia ser compreendida em sua essência só pelos hábitos das referências objetivas. Só a fenomenologia – isto é, o levar em conta a partida da imagem numa consciência individual – pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem. Todas essas subjetividades, transubjetividades não podem ser determinadas definitivamente. A imagem poética é essencialmente variacional. Ela não é, como o conceito, constitutiva<sup>46</sup>.

O aspecto “variacional” da imagem poética a distancia das concepções ortodoxas sobre os *objetos* de análise. A imagem poética faz sentido em si mesma, a partir de uma interpretação de si mesma. “A imagem em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem jovem. O

---

<sup>44</sup> Pretendo expor brevemente a crítica bachelardiana à psicologia e à psicanálise adiante.

<sup>45</sup> Ibid. p.349.

<sup>46</sup> Ibid. p.343.

poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem<sup>47</sup>. Logo, a imagem poética é um constante renascer em si, no instante da escrita, da leitura e da interpretação mais ingênua da poesia; por isso é sempre jovem, constantemente renovada.

Ainda na introdução de sua tão célebre *Poética do Espaço*, Bachelard defende a ideia de que “para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação<sup>48</sup>. Tal visão inevitavelmente o coloca diante do problema da relação entre a criação das imagens e os meandros da consciência e da inconsciência da mente humana; problema este já explorado por outras ciências – como a psiquiatria, psicologia e psicanálise. Contudo, pelo fato da imagem poética de Bachelard só poder ser compreendida a partir de uma perspectiva de constante inovação, o autor é obrigado a pôr em cheque as concepções racionalizadas – ou até mesmo tecnicizadas – da imagem:

[...] um pequeno impulso de admiração é necessário para receber o lucro fenomenológico de uma imagem poética. A menor reflexão crítica estanca esse impulso quando coloca o espírito em posição secundária, o que destrói a primitividade da imaginação. Nessa admiração que ultrapassa a passividade das atitudes contemplativas, parece que a alegria de ler é o reflexo da alegria de escrever, como se o leitor fosse o fantasma do escritor<sup>49</sup>.

Portanto, a imagem está muito mais ligada à admiração do que à uma reflexão crítica. Admiração ativa que diz respeito ao leitor em relação ao poeta; não simples contemplação passiva, mas uma efetiva participação, *vivência* da própria imagem a partir desta leitura admirada.

---

<sup>47</sup>Ibid. Ibid.

<sup>48</sup> Ibid. p.342.

<sup>49</sup> Ibid. p.348.

A compreensão da imagem poética é a própria compreensão desta vivência que a cria. E esta compreensão não parece estar ligada necessariamente a um ou outro saber. O saber objetivo aprisionaria uma efetiva compreensão da imagem, uma efetiva vivência da imagem. Nas palavras de Jean Lescure:

[...] é preciso então que o saber se acompanhe de um igual esquecimento do saber. O não-saber não é uma ignorância, mas um difícil ato de superação do conhecimento. É a esse preço que uma obra é a cada instante essa espécie de começo puro que faz de sua criação um exercício de liberdade<sup>50</sup>.

Dentro desta perspectiva, o autor se coloca em uma conjuntura onde a vivência plena da imagem se contrapõe ao saber objetivista, prático em sua forma grosseiramente cunhada. Esse é o próprio problema da verdadeira *utilidade* da arte, no sentido de construir uma espécie de conhecimento diferente, complementar àquele saber objetivo das ciências<sup>51</sup>: a relação entre o objetivo e sumariamente abstrato; ou ainda a relação entre o real e o irreal.

O ato de “conhecer” uma imagem poética diz muito mais respeito à criação imagética do que ao saber objetivo. Captar a imagem poética é, invariavelmente, imaginá-la. Dentro desta complexa gama de sentidos possíveis, dá-se a própria discussão dos limites dos conceitos de real e irreal em Bachelard:

A imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro. À função do real, instruída pelo passado, tal como é destacada pela psicologia clássica, é preciso juntar uma função do irreal também positiva, como tentamos estabelecer em obras anteriores. Uma enfermidade por parte da função do irreal entrava no psiquismo produtor.

---

<sup>50</sup> Apud BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*, p.352.

<sup>51</sup> Que pode ser considerado um dos grandes problemas debatidos por toda a tradição hermenêutica a partir de Heidegger.

Como prever sem imaginar?<sup>52</sup>

Dentro desta perspectiva, o estado de captura de uma imagem poética através da imaginação constrói uma espécie de *realidade* paralela no exato momento em que se dá tal captura: a dialética do real e do irreal é completamente vivida na leitura da poesia. “Com a poesia, a imaginação se coloca no lugar onde a função do irreal vem seduzir ou inquietar – sempre despertando – o ser adormecido em seus automatismos”<sup>53</sup>. Logo, a imagem se mostra como impulso de vida<sup>54</sup>.

Inevitavelmente, um pensador que se ocupa tanto de um viés epistemológico racionalista quanto de uma fenomenologia poética recairia sobre a dualidade real/irreal. A própria obra de Bachelard, se vista em toda sua completude, é um trânsito constante entre as noções de real e irreal: a lógica do *animus/anima*.

Efetivamente o espírito crítico zomba – e esta é a sua função – das imagens incondicionadas. Por pouco, um realista pediria experiência. Ele desejaria, assim como em toda parte, que fossem verificadas as imagens confrontando-as com a realidade. [...] Mas os projetos de um fenomenólogo são mais ambiciosos: ele quer viver *tal* como os grandes sonhadores de imagens viveram<sup>55</sup>.

Na medida em que os saberes ligados à noção de realidade necessitam de uma correlação dos elementos dispostos nesta realidade (constituindo o próprio quadro que se chama “realidade”), no sentido de completude de uma possível configuração do real, o conhecimento ligado à imagem poética (ao *cogito do sonhador*) diz respeito à uma constante vivência desta irrealidade. O sonhador/leitor, na vivência da imagem, vivencia algo que não a realidade objetiva mas de igual *valor*, pois o “que importa para” um

---

<sup>52</sup> Ibid. p. 353.

<sup>53</sup> Ibid. Ibid.

<sup>54</sup> Como se verá adiante.

<sup>55</sup> Ibid. p.432.



“filósofo do sonho, os desmentidos do homem que reencontra, após o sonho, os objetos e os homens?”<sup>56</sup> Como citei acima, a função do real e a função do irreal se encontrariam em estado de mútua complementariedade, mútua existência. Na medida em que uma função se preocupa insistentemente em objetivar, de alguma forma fundamentar uma possível *completude* do real, a outra nunca “chega a dizer: é só aquilo. Há sempre mais que aquilo”, já que, “a imagem da imaginação não está submetida a uma verificação pela realidade”<sup>57</sup>.

### 3.

Ao estado da imaginação que assimila a imagem poética durante a leitura de um poema, Bachelard dá o nome de *devaneio*<sup>58</sup>. O devaneio bachelardiano é basicamente o sonhar acordado diante de uma leitura prazerosa. É este ato de criação pura que acaba por fomentar as discussões acerca das funções do real e irreal. Logo, a ideia de devaneio como um elemento periférico da psique cai por terra, na medida que não só a objetividade da razão é criadora: o devaneio é essencialmente criador de algo. Substancialmente de uma imagem que, por sua vez, deixa suas marcas na psique humana. Em outras palavras, o devaneio é a *hermenêutica da imagem poética*, no sentido de constante interpretação criativa das impressões recebidas durante a leitura. É um conjunto complexo que une percepção, assimilação e interpretação. Não é em vão que “o devaneio poético, criador de símbolos, dá à nossa intimidade uma atividade polissimbólica”<sup>59</sup>. Esta “atividade polissimbólica” nada mais é do que a massa de trabalho desta forma de hermenêutica.

Por sua natureza polissimbólica e sua necessária incompletude, a hermenêutica da imagem bachelardiana acaba se indispondo com outras chaves de leitura possíveis para

---

<sup>56</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.153.

<sup>57</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. p. 411.

<sup>58</sup> Ibid. p.366.

<sup>59</sup> Ibid. p.372.

estas “realidades” da psique. Produto disso é a relação no mínimo confusa que Bachelard mantinha com a psicologia. Confusa, já que, em alguns momentos parece receber bem alguns elementos importantes desta doutrina, mas, apesar disso e de uma forma mais geral, acaba opondo o estudo das imagens poéticas à psicologia clássica e à psicanálise.

O devaneio pode ser representado, acima de qualquer coisa, como um exercício da liberdade criadora do indivíduo. Logo, uma inserção deste devaneio em qualquer sistema racionalizado, acabaria por, inevitavelmente, limitá-lo, enquadrá-lo, apagando assim alguns de seus elementos constituintes como exercício de liberdade.

Sentimos que a atitude “objetiva” do crítico sufoca a “repercussão”, recusa, por princípio, a profundidade, de onde deve tomar seu ponto de partida o fenômeno poético primitivo. Quanto ao psicólogo, está ensurdecido pelas ressonâncias e deseja incessantemente descrever seus sentimentos. Quanto ao psicanalista, perde a repercussão, ocupado em desembaraçar o emaranhado de suas interpretações. Por uma fatalidade de método, o psicanalista intelectualiza a imagem. Ele a compreende mais profundamente que o psicólogo. Mas, precisamente, “compreende-a”. Para o psicanalista, a imagem poética tem sempre um contexto. Interpretando a imagem, ele traduz em outra linguagem que não o logos poético<sup>60</sup>.

Portanto, a ruptura que se dá em alguns momentos entre Bachelard e a psicologia/psicanálise está inserida na própria conjuntura das discussões acerca de *tipos* de racionalidade usadas em distintos casos a serem analisados ou em distintas correntes de pensamento. No caso das análises acerca das imagens da psique, o autor acusa a psicologia de uma forma geral a limitar sua visão, negando assim uma *percepção refinada* acerca da imagem poética. De certa forma, a psicologia nega a existência desta imagem como imagem poética. Na medida em que objetiva a análise das imagens de um forma geral, exclui a possibilidade de uma análise poética, já que, a objetivação da imagem a

---

<sup>60</sup> Ibid. p.346.

retira de sua conjuntura ontológico-poética, inserindo-a em um sistema de pensamento limitado dentro de suas normas racionalizadas. Dentro desta perspectiva, “a psicologia quase não trata da imagem poética que é com frequência confundida com a simples metáfora”<sup>61</sup>. Para o filósofo, “a palavra imagem está cheia de confusão na obra dos psicólogos: veem-se imagens, reproduzem-se imagens, guardam-se imagens na memória. A imagem é tudo, exceto um produto direto da imaginação”<sup>62</sup>.

O problema da “fatalidade do método” psicanalítico que impede uma devida análise da imagem como poética está, justamente, ligado à questão do uso de metáforas por parte da psicanálise. Nas palavras do próprio Bachelard<sup>63</sup> “a metáfora é uma falsa imagem, já que não tem a virtude direta de uma imagem produtora de expressão, formada no devaneio falado”. E estas metáforas são elementos constituintes do próprio método psicanalítico. Como, por exemplo, quando esboça uma “antologia do cofre”<sup>64</sup>, condena a ligação inevitável que faria o psicanalista diante de um paciente que sonha com uma chave e uma fechadura. Fatalmente, a metáfora sexual seria utilizada em uma situação como essa. Portanto, a fatalidade do método psicanalítico remete a esta chave de leitura da realidade das imagens, que são muito mais produtos *desta* interpretação objetivadora do que da interpretação dos indivíduos criadores (ou mesmo interpretação poética)<sup>65</sup>.

Em síntese, enquanto a psicologia e a psicanálise se ocupam de uma objetivação da imagem - que deixa de ser poética, já que, inserida em uma conjuntura de interpretação fechada -, a fenomenologia de Bachelard se ocupa da ontologia desta imagem e de todos

---

<sup>61</sup> Ibid. p.352.

<sup>62</sup> Ibid. Ibid.

<sup>63</sup> Ibid. p.405.

<sup>64</sup> Ibid. pp.407-408.

<sup>65</sup> A discussão entre racionalidade psicanalítica e fenomenológica diante das análises das imagens da psique evidenciada na obra de Bachelard pode ser tranquilamente posta em paralelo com a distinção entre uma hermenêutica puramente metodológica e a hermenêutica filosófica. Enquanto a hermenêutica metodológica busca uma interpretação objetiva dos escritos, no sentido de simples tradução, a hermenêutica filosófica se ocupa muito mais de uma interpretação ligada à um todo “histórico, político, moral” (ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2008, p.41).

os seus polissimbolismos, buscando não enquadrá-la neste ou naquele sistema de pensamento, mas sim *vivenciá-la* a partir da leitura da poesia. Nesse sentido, “[...] a poesia ultrapassa inteiramente a psicanálise. De um sonho ela faz um devaneio. E o devaneio poético não se pode satisfazer com um rudimento de história: não se pode estabelecer num só complexual”<sup>66</sup>, não se pode simplesmente enquadrar nesta ou naquela metáfora pretensiosamente explicativa.

A análise bachelardiana das imagens poéticas consiste, portanto, em um sistema paralelo àquele da psicologia e da psicanálise no estudo das imagens da psique. Diante desta perspectiva, Bachelard se permite pensar em uma possível intersecção entre as ideias de “devaneio” e “consciência”. Pois, “a própria função de uma fenomenologia do devaneio é duplicar o benefício do devaneio por uma consciência de devaneio. A poética do devaneio deve tão-somente determinar os interesses de devaneio que mantém o sonhador numa consciência de tranquilidade”<sup>67</sup>. Então, na mesma medida em que devaneia ou em contrapartida ao *ato* do devaneio, o sonhador, diante de uma perspectiva fenomenológica deste devaneio, tornar-se-ia consciente do mesmo, beneficiando-se desta “tranquilidade” do devanear.

Esta hermenêutica-fenomenológica que constitui o ato de devanear é, sobretudo, uma vivência, um *estar presente no próprio devaneio de leitor*. Diante disso,

[...] tal é, para nós, a diferença radical entre sonho noturno e devaneio, diferença essa que pertence ao âmbito da fenomenologia: ao passo que o sonhador do sonho noturno é uma sombra que perdeu o próprio eu, o sonhador do devaneio, se for um pouco filósofo, pode, no centro de seu eu sonhador, formular um *cogito*. Noutras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador do devaneio está presente no seu devaneio. Mesmo quando o devaneio dá a impressão de

---

<sup>66</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. p.410.

<sup>67</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. p.123.

uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta – é ele, em carne e osso, que se torna um ‘espírito’, um fantasma do passado ou da viagem<sup>68</sup>.

É justamente através da noção de devaneio - diferente do sonho psicanalítico - que Bachelard propõe a existência de um *cogito do sonhador*. É interessante perceber que dentro da lógica psicanalítica quem está consciente, realmente agindo em sentido positivo é o psicanalista, interpretando segundo sua chave de leitura o que o paciente diz ter sonhado, ao passo que, diante de uma abordagem fenomenológica do devaneio, Bachelard transmite o poder de ação (a própria consciência) ao sonhador do devaneio que é, por sua vez, “um pouco filósofo”. Quem está presente nas análises das imagens poéticas é o sonhador/fenomenólogo e não um segundo, portanto, a chave de leitura que se potencializa diante desta concepção de imagem é a do próprio sonhador, não de um interlocutor. Tornar-se um “fantasma” é um pré-requisito à ontologia direta da imagem poética; é a própria ativação de uma racionalidade não objetivista, hermenêutica.

O cogito do sonhador diante do devaneio pode ser remetido à própria consciência de si, por parte do sonhador, e este é o próprio fio condutor da análise das imagens poéticas através deste cogito:

[...] temos todo o direito de desprezar os devaneios que resvalam pela encosta errada e reservar nossas pesquisas para os devaneios que nos mantêm numa consciência de nós mesmos. O devaneio vai nascer naturalmente, numa tomada de consciência sem tensão, num *cogito* fácil, proporcionando certezas de ser por ocasião de uma imagem aprazível – um imagem que nos deleita porque acabamos de criá-la fora de qualquer responsabilidade, na absoluta liberdade do devaneio<sup>69</sup>.

Como Bachelard se dizia o filósofo da “imagem feliz” ou do “devaneio feliz”, o natural a

---

<sup>68</sup> Ibid. p.144.

<sup>69</sup> Ibid. p.145.

se pensar é que “os devaneios que resvalam pela encosta errada” são os devaneios de preocupação, não aqueles advindos da leitura tranquila dos poetas<sup>70</sup>. A imagem poética é a causa de um deleite da consciência de si mesmo, diferente de qualquer outro tipo de devaneio paranoico - para usar uma linguagem psicológica - que afaste o indivíduo desta consciência. Diz respeito ao deleite da certeza sobre si mesmo, mesmo que em uma conjuntura de devaneio. À liberdade e tranquilidade que só o irreal pode trazer à tona, à consciência.

Tal concepção de *cogito*, como se pode facilmente supor, nasce em contrapartida ao cogito cartesiano, ao cogito moderno, objetivador, pois, “o *cogito* que pensa pode errar, esperar, escolher – o *cogito* do devaneio se liga imediatamente ao seu objeto, à sua imagem. [...] Os grandes sonhadores são mestres da consciência cintilante”<sup>71</sup>. Esta concepção de consciência se dá, justamente, pelo fato de que o cogito do sonhador “não se divide na dialética do sujeito e do objeto”. Apesar de expressar-se através de tal dialética, por uma questão de limitação linguística, “[...] o homem do devaneio e o mundo de seu devaneio estão muito próximos, tocam-se, compenetraram-se. Estão no mesmo plano de ser”<sup>72</sup>.

Esta consciência de si mesmo, este ser/estar no mundo do próprio devaneio requer, como já introduzi em nota, este tipo de devaneio particularmente tranquilo. Não somente, requer, inevitavelmente, uma conjuntura particular externa ao devaneio para que este ocorra da melhor maneira possível:

Quando um sonhador de devaneios afastou todas as “preocupações” que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe

---

<sup>70</sup> Seria injusto citar uma obra em particular onde o autor se diz ocupar unicamente do “devaneio feliz”. Tanto em *A Poética do Espaço*, quanto em *A Poética do Devaneio* o autor faz menção à suas ocupações em diversos trechos. Muito provavelmente em outras obras as quais se ocupa da fenomenologia da imagem poética também deve fazer menção à tal ponto.

<sup>71</sup> Ibid. p.147.

<sup>72</sup> Ibid. p.152.

advém da inquietação alheia, que é realmente o *autor de sua solidão*, quando, enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do universo, sente, esse sonhador, um ser que se abre nele<sup>73</sup>.

É interessante destacar as aspas usadas pelo autor no termo “preocupações”. Parecem desvalorizar o sentido do conceito diante do ato do devaneio. Diz respeito à própria dialética do real e irreal, onde as ditas importantes e inquietantes preocupações do cotidiano (real), deixam de fazer sentido diante da calma do devaneio tranquilo (irreal). Só diante da compreensão desta desvalorização - ou mesmo equivalência - do real diante do irreal é que se poderia alcançar este estado de consciência de si através do devaneio; através do entrelaçamento entre objeto e sujeito. Só diante do completo controle sobre si, sobre a própria solidão, sem interferência dos demais é que se poderia segundo Bachelard, fazer com que este ser se manifestasse. Portanto, consciência e solidão estão intrinsecamente ligados segundo esta hermenêutica-fenomenológica do devaneio, onde a *interpretação* da imagem poética surge como *interpretação de si mesmo* e do *seu mundo*.

#### 4.

Finalmente, esta exposição chega ao interessante momento onde, na obra de Bachelard, a imaginação entra em contato direto com o próprio cotidiano do sonhador. “Finalmente”, por este ser, a meu ver, o elemento mais interessante e - arrisco - importante da obra fenomenológica do filósofo francês. Dentro desta perspectiva, assim como é necessária uma conjuntura externa ao devaneio para que este ocorra da melhor maneira possível, após a sua conclusão, como devaneio “feliz” e autoconsciente, ou mesmo durante seu acontecimento, este pode se manifestar nas esferas cotidianas de diversas formas.

---

<sup>73</sup> Ibid. p.165.

A imaginação, segundo Bachelard<sup>74</sup>, mesmo trabalhando com a construção dos elementos da esfera do irreal, “quer sempre comandar. Ela não poderia se submeter ao ser das coisas. Se aceita as suas imagens primeiras, é para modifica-las, exagerá-las”. Através desta necessidade da imaginação de comandar e de modificar as imagens primeiramente absorvidas pela psique, Bachelard fundamenta a intersecção entre imaginação e vontade. Tal intersecção, inevitavelmente, teria os mais variados efeitos práticos, já que, a vontade que se liga à imaginação, é a vontade grosseiramente concebida como *força de vontade* prática que move nosso cotidiano.

Em *A Terra e os Devaneios da Vontade*, Bachelard se ocupa centralmente desta problemática da relação entre a vontade e os devaneios e sua possível relação com o mundo *real*. Usa o símbolo da “terra” para ilustrar nossa relação com as matérias sólidas de nosso meio, como as rochas, os metais e, inclusive, as diversas configurações de “massas” que constituem parte do nosso cotidiano - como a massa usada na fabricação do pão, ou a massa usada na construção civil. Busca basicamente, portanto, pensar na relação entre o real e o irreal, tentando evidenciar o irreal como elemento construtivo de uma “realidade” mais completa que aquela objetiva.

Dentro desta perspectiva, através da noção de *trabalho* desenvolve suas análises fenomenológicas:

Julgamo-nos, pois, fundamentados para falar de um *onirismo ativo*, isto é, de devaneios do trabalho fascinante, de um trabalho que abre perspectiva à vontade. Neste onirismo ativo estão unidas as duas grandes funções psíquicas: imaginação e vontade. Todo o ser é mobilizado pela imaginação, como reconheceu Baudelaire: “Todas as faculdades da alma devem ser subordinadas à imaginação que as requisita todas ao mesmo tempo”<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.68.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 40.



Tal concepção de um “onirismo ativo” diria respeito à conjunturas particulares, onde o devaneio (imaginação) poderia interceder em favor de uma vontade também particular. Se há necessidade de uma estruturação particular do real para que o devaneio ocorra, parece natural que esta interação entre vontade e imaginação também se dê em conjunturas específicas. Ao analisar o trabalho onde se daria tal interação, Bachelard parece se referir não ao operário fabril “clássico” do capitalismo, onde todo onirismo foi esvaziado de seu sentido, provavelmente através da lógica do capital. O autor se refere ao trabalhador rústico, muitas vezes rural, antiquado em sentido técnico, mas supostamente satisfeito com sua condição laboriosa.

A própria técnica - no sentido de técnica primitiva -, tão satanizada pela tradição hermenêutica desde Heidegger, ocupa um papel nesta conjuntura onírica que une vontade e imaginação, já que, dentro desta conjuntura, “[...] os devaneios são verdadeiras hipóteses oníricas que, se procuradas um pouco, seriam encontradas na base das técnicas mais claras”<sup>76</sup>. Diante da cena de um trabalhador rústico, que se ocupa em moldar o metal - cena esta da qual o autor se ocupa em boa parte de todo um capítulo da obra já citada -, Bachelard constrói a noção de que, retirado onirismo do trabalho, restando apenas seus aspectos mais primitivos, toda a função técnica perderia seu sentido, esvaziando-se de qualquer perspectiva criativa e criadora:

Retire os sonhos, e você abaterá o operário. Negligencie das potências oníricas do trabalho, você diminuirá, aniquilará o trabalhador. Cada trabalho tem seu onirismo, cada matéria sucinta seus devaneios íntimos. O respeito das forças psicológicas profundas deve nos conduzir a preservar de qualquer ataque o onirismo do trabalho. Não se faz nada de bom a contragosto, isto é, a contrasonho<sup>77</sup>.

Quando este operário rústico do metal, ao qual já me referi, se encontra diante de uma

---

<sup>76</sup> Ibid. p. 122.

<sup>77</sup> Ibid. p. 75.

situação de resistência por parte da matéria que é por ele moldada - situação esta constante em sua área de labor -, por exemplo, o que mais poderia animar sua vontade que a criação imaginativa do sentimento de vitória diante de tal matéria? O devaneio de vitória diante do metal, que poderia ser acusado de “simples ilusão” mesmo por um realista tímido, teria a função de *animar* a vontade de labor, que se confundiria com vontade de poder nesta perspectiva onírica de trabalho. Sem esta instância onírica, a própria vontade se tornaria vazia. “A vontade de quem não sabe sonhar é cega e limitada. Sem os devaneios da vontade, a vontade não é verdadeiramente uma força humana, é uma brutalidade”<sup>78</sup>. Portanto, o que define a vontade como humana para Bachelard é, justamente, sua relação com o onirismo do devaneio, com a própria imaginação. A imaginação transformaria os golpes da marreta do trabalhador de simples brutalidade mecânica à produto de uma força de vontade, confiança em si e na “vitória” sobre a matéria, pois “o devaneio da vontade tem realmente por função direta nos dar *confiança* em nós mesmos, confiança em nossa potência laboriosa”<sup>79</sup>. Ou ainda, em outras palavras, a esperança do trabalhador nesta vitória, alimentaria sua coragem em prosseguir no labor que lhe é prazeroso, justamente por alimentar esta esperança: “a vontade é mais bem administrada por um devaneio que une o esforço e a esperança [...]”. O devaneio ativo alimenta a coragem através dos encorajamentos constantemente verificados no trabalho”<sup>80</sup>.

Como já se pode ter percebido, dentro desta conjuntura de interação entre devaneio e vontade, o devaneio deixa ser o até então analisado devaneio de leitor e passa a ser um

---

<sup>78</sup> Ibid. Ibid.

<sup>79</sup> Ibid. p.78.

<sup>80</sup> Ibid. p.79. Interessante perceber que esta lógica que une devaneio e vontade não parece ter sido deixada de lado pela organização social do trabalho dentro do sistema capitalista. Segundo Durkheim (apud SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Durkheim, Weber e Marx*. Itajaí: Editora UNIVALI, 2002, p.76) é obrigação do regime capitalista fomentar uma espécie de “culto ao indivíduo”, no sentido de não esvaziar de um todo os indivíduos de suas vontades, já que, dentro de tal regime, a lógica de produção assume uma configuração de divisão social do trabalho, onde a supressão da vontade individual poderia tornar os indivíduos anômicos e improdutivos. A tática seria a de fomentar o discurso do valor individual (encorajar o indivíduo), no sentido de manter a própria continuidade da lógica social de trabalho.

elemento positivo na realidade prática. Este onirismo *no* real pode ser facilmente comparado à experiência estética analisada pela hermenêutica filosófica desde de Heidegger. O que diferencia ambas as abordagens, ao menos minimamente, é o fato de Bachelard não desconsiderar uma intersecção entre onirismo e técnica (imaginação e vontade), ao passo que a tradição hermenêutica parece ter desconsiderado a técnica de uma forma geral, como um dos elementos substancialmente negativo do real, oposto à experiência estética. Nesse sentido, Bachelard parece entrar em uma espécie de acordo com uma abordagem nietzscheniana da arte (como uma síntese desta “experiência estética”) não apenas segundo a perspectiva da interação com a obra de arte, mas sim diante de uma perspectiva de completude, onde a vida se torna uma obra de arte.

Em *Crepúsculos dos Ídolos*, por exemplo, Nietzsche investiga o que chama de uma “psicologia do artista”, no sentido de buscar, justamente, uma possível interação entre a vontade e uma espécie de experiência estética:

Nesse estado [onde vontade e imaginação se entrecruzariam], enriquecemos todas as coisas com a nossa própria plenitude: o que se vê, o que se quer, é visto intumescido, apinhado, enérgico, sobrecarregado de força. O homem que se encontra nesse estado, transforma as coisas até que reflitam seu poder – até que sejam reflexos de sua perfeição. E este *ter de* transformar em perfeição é – arte. Mesmo tudo aquilo que ele não é se torna, apesar disso, um deleite consigo mesmo. Na arte, o homem goza à si próprio como perfeição<sup>81</sup>.

A necessária interação entre um estado artístico e a relação dos indivíduos com o mundo a sua volta é mister, em Nietzsche, para a autossatisfação destes indivíduos. Assim como em Bachelard, o onirismo artístico, criador, imaginativo serve não somente à satisfação de si consigo mesmo (através do trabalho onirizado), mas também ao autoconhecimento. Portanto, a relação desta satisfação de si e do próprio conhecer-se a si mesmo, se daria através do onirismo das ações e pensamentos. Diante disso, sem se

---

<sup>81</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo do Ídolos*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 83.

conhecer em algum grau e sem estar satisfeito com aquilo que se faz, também em algum grau, as ações do mundo prático se tornam vazias de sentido. Sendo este o momento de validade da crítica hermenêutica à técnica.

Não só além de uma concepção crítica um tanto simplista em relação à técnica – como se apresenta, muitas vezes, a crítica de cunho hermenêutico –, em algumas passagens Bachelard também ultrapassa o próprio Nietzsche em relação a potencialização destas capacidades oníricas (imaginativas ou artísticas) em nosso cotidiano; como quando ao afirmar, por exemplo, que “se compreendêssemos que as fontes de nossa energia e de nossa saúde estão em nossas próprias imagens dinâmicas, nas imagens que são o futuro muito próximo do nosso psiquismo, escutaríamos o conselho do bom trabalho”<sup>82</sup>. Logo, o “bom trabalho”, como “onirismo ativo”, teria relação com vários outros elementos de nosso ser, como “as fontes de nossa energia” cotidiana e nossa própria “saúde”. A capacidade de construir estas imagens dinâmicas é o que diferenciaria uma existência niilista - em sentido nietzscheniano - de uma existência satisfeita de si e isso perpassa, inevitavelmente, os aspectos práticos deste ser no mundo.

Parece ser o caminho natural desta intersecção entre real e irreal (imaginação e vontade) uma discussão acerca da validade desta mesma experiência, ou, sobretudo, da validade efetiva de seus produtos na construção de uma *realidade* - na falta de um termo melhor - mais ampla que a objetiva. É, justamente, a intenção deste trabalho pensar em tal intersecção, principalmente em sua próxima parte, como já introduzi em nota. Mas tal problemática não deve ser deixada de lado agora, ao menos dentro de uma conjuntura introdutória de discussões, já que, diz respeito à fenomenologia bachelardiana.

A interação entre estes dois elementos do ser no mundo (real e irreal), faz nascer uma nova perspectiva das questões acerca da verdade dentro da obra de Bachelard. Dentro de tal perspectiva, a verdade não pode ser vista como objetiva, nem segundo uma aceção

---

<sup>82</sup> BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. p.67.

unidirecional, constando nisso, grosso modo, uma conjuntura hermenêutica desta concepção de verdade.

Para encontrar no mundo de sensações e de signos em que vivemos e pensamos as imagens primordiais, as imagens *princeps*, aquelas que explicam, juntos, o universo e o homem, é preciso, em cada objeto, reavivar algumas primitivas ambivalências, aumentar mais a monstruosidade das surpresas, é preciso aproximar, até que elas se toquem, a mentira e a verdade. Ver com olhos novos ainda seria aceitar a escravidão de um espetáculo. Há uma vontade maior: aquela de ver antes da visão, aquela de animar toda a alma com uma *vontade de ver*<sup>83</sup>.

A descoberta de uma possível “explicação” de determinada *realidade* que é perpassada, sobretudo, por uma vontade de saber. Esta vontade não pode estar em simples acordo com uma noção de verdade unilateral, uma realidade unilateral do conhecimento. Necessita de uma perspectiva muito mais aberta em relação aos saberes possíveis a serem descobertos.

## 5.

Apesar de arriscada, uma comparação com o racionalismo epistemológico do *animus* bachelardiano é praticamente necessária. Dentro de ambas as perspectivas existe uma conjuntura do conhecimento, onde a interpretação da realidade se dá diante de um perspectiva de criação, mesmo que isso favoreça certas ambivalências, mesmo que isso negue parcialmente a noção clássica de verdade. A defesa destas ambivalências da vontade de saber diz respeito à uma conjuntura sutil, onde a separação entre sujeito observador e objeto do saber se torna, no mínimo, arbitrária - como já evidenciado anteriormente. Pode-se agora se perguntar, “mas como se configura tal conjuntura, ou a que diz respeito?”

---

<sup>83</sup> Ibid. p.147.

Finalizando, gostaria de situar a captura das imagens poéticas descrita pelo autor em uma conjuntura específica, onde se daria a interação destas imagens com a vontade.

[...] Essa expressão poética, embora não seja uma necessidade vital, é mesmo assim uma tonificação da vida. O bem dizer é um elemento do bem viver. A imagem é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante. Ao viver os poemas tem-se pois a experiência salutar da emergência<sup>84</sup>.

A meu ver, uma noção de “tonificação da vida” perpassa toda a fenomenologia bachelardiana. Desde suas análises de uma poética do espaço até a própria interação entre vontade e imaginação, através da relação dos indivíduos com a matéria de seus quotidianos. Como se pode perceber, tal tonificação diz respeito a uma espécie de superação da linguagem grosseiramente tida como “linguagem significante”. Se levada a extremos, tal superação recairá na própria relação sujeito/objeto, na medida em que a linguagem da significação diz respeito, sobretudo, à relação dos sujeitos com o ambiente, com o “fora de si”. Extinguida a relação separatista entre sujeito e objeto observado, na medida em que o “objeto” em questão é a própria imagem poética advinda de uma ontologia direta, não separada do indivíduo que à “observa”, a própria linguagem significante perderia seu valor de verdade. E é esta perda que faz com que se tonifique a potência de vida, segundo Bachelard.

Como aponta o próprio Bachelard<sup>85</sup>, a percepção de uma imagem poética acarreta em “um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor. Por sua novidade, uma imagem poética abala toda a atividade linguística”. A relação entre este “despertar da criação” – que acaba por pôr em cheque a substancialidade da linguagem significante – e a tonificação da vida constitui a chave da questão, ou seja, a própria conjuntura específica onde se pode colocar a obra do Bachelard fenomenólogo.

---

<sup>84</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. p.348.

<sup>85</sup> *Ibid.* p.345.

Tal relação se daria como ação libertária do sujeito diante de uma lógica que o obriga a *significar* não só em sentido linguístico, mas também em sentido puramente social, relacional<sup>86</sup>. A ontologia direta da qual parte a assimilação de uma imagem poética, diz respeito ao tonar a linguagem imprevisível, já que, tal forma de imagem parece não conseguir ser contida em uma linguagem significante sem a amputação de seu verdadeiro ser. Como reflete Bachelard<sup>87</sup>: “tornar imprevisível a palavra não será um aprendizado da liberdade?” Dentro da conjuntura deste trabalho, a busca por esta libertação, por esse ato de aprendizado liberto, seria o transfundo da obra do filósofo, onde o despertar das capacidades criativas e interpretativas dos indivíduos diante de uma imagem poética influenciariam em sua percepção do próprio mundo (real), tonificando capacidades vitais no sentido de libertação de todo e qualquer tipo de imposição interpretativa, sobretudo de cunho linguístico.

## Referências:

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Poética do Espaço*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. pp. 339-512.

\_\_\_\_\_. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CÉSAR, Constança Marcondes. *A Hermenêutica Francesa: Bachelard*. São Paulo: Alínea, 1996.

JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo do Ídolos*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

---

<sup>86</sup> Me refiro a mesma lógica metafísica “violenta” denunciada pela tradição hermenêutica e cujo o ápice da violenta imposição de “modelos unitários” constitui em nada mais, nada menos que os campos de concentração nazistas, como genialmente propõe Vattimo (VATTIMO, Gianni. “Metafísica, Violencia, Secularización”. In: *Secularización de la Filosofía*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001, p.69).

<sup>87</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. p.348.

ROHDEN, Luiz. *Interfaces da Hermenêutica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Durkheim, Weber e Marx*. Itajaí: Editora UNIVALI, 2002.

VATTIMO, G. “Metafísica, Violencia, Secularización”. In: *Secularización de la Filosofía*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

VITELLO, Vincenzo. “Racionalidad Hermenéutica y Topología de la Historia”. In VATTIMO, Gianni (org.). *Hermenéutica y Racionalidad*. Santafé de Bogotá: Editorial Norma, 1994, pp. 211–247.